



## **O DESENHO COM AGULHA NO ENSINAR E APRENDER: O PROGRAMA DE EXTENSÃO ITCP/FURB E O RESGATE DO BORDADO ALEMÃO PARA A MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO E DA CULTURA GERMÂNICA NO VALE DO ITAJAI**

Lucinéia Sanches; Kalinka Cristina Caetano

*FURB-Universidade Regional de Blumenau*

luc\_sanches@hotmail.com

### **Resumo:**

O Curso de Artes Visuais e o Programa de Extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB), por meio do Projeto de Extensão Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí objetivou registrar informações acerca da prática, dos materiais, dos temas e da origem do bordado desenvolvido no Vale do Itajaí por descendentes de imigrantes alemães a fim de catalogar os processos do bordado para aplicá-los no processo de ensino-aprendizagem dos Cursos de Moda e Artes Visuais da FURB e na formação continuada de artesãs integrantes do Programa de Extensão. Nesta pesquisa busca-se compreender como o bordado se constitui historicamente originando-se de processos artesanais rudimentares. Tal ação é considerada necessária para o resgate e a manutenção da tradição e da cultura germânica no Vale do Itajaí. O trabalho foi realizado por meio de revisão de literatura, registro fotográfico e entrevistas individuais com bordadeiras profissionais. Foi possível constatar que o desenvolvimento de produto (essencialmente para decoração de ambientes e peças utilitárias) a partir de técnica artesanal é uma forma eficaz de permear a cultura da região. Verificou-se também que a técnica é utilizada há décadas pela população local, transmitida entre gerações, o que permitiu, assim, a manutenção de suas características históricas e peculiares até os dias atuais, bem como a geração de trabalho e renda para artesãs da região de Blumenau. A pesquisa resultou em material didático para o processo de ensino e aprendizagem no espaço acadêmico e formação de artesãs vinculadas ao Projeto de extensão ITCP/FURB.

**Palavras-chave:** Bordado alemão, Artesanato, Blumenau, ITCP/FURB.



## **O DESENHO COM AGULHA NO ENSINAR E APRENDER: O PROGRAMA DE EXTENSÃO ITCP/FURB E O RESGATE DO BORDADO ALEMÃO PARA A MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO E DA CULTURA GERMÂNICA NO VALE DO ITAJAI**

Lucinéia Sanches; Kalinka Cristina Caetano

*FURB-Universidade Regional de Blumenau*

luc\_sanches@hotmail.com

O trabalho apresentado a seguir, trata de uma pesquisa desenvolvida pelo Curso de Programa de Extensão Universitária Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB), Curso de Artes Visuais e Curso de Moda da FURB, financiado com recursos do Edital PROEXT, PRONINC//CNPq (Governo Federal) e PROPEX/FURB. Nesta pesquisa busca-se compreender como o bordado se constitui historicamente originando-se de processos artesanais rudimentares, embrionários: as amarrações de cipós e tendões de animais que se entrelaçavam para unir as peles que protegiam os corpos das intempéries. E segue discutindo aspectos da construção do bordado artesanal na cultura brasileira e no Vale do Itajaí. O trabalho foi realizado por meio de revisão de literatura, registro fotográfico e entrevistas individuais realizadas com bordadeiras profissionais, a fim de catalogar informações da técnica e dos materiais utilizados pelas artesãs descendentes de imigrantes alemães.

Buscar informações sobre a história do bordado artesanal é retornar no tempo, trata-se de uma história ligada ao progresso da moda, mas também está relacionada às artes de todas as épocas. O bordado é considerado uma das artes manuais mais antigas, na pré-história era utilizado como costura para unir peles dos animais, assim transformando essa matéria-prima em vestes para se aquecer. As agulhas eram feitas com os ossos dos animais e as linhas eram fibras vegetais ou tendões de animais. Neste período, pode-se dizer que o bordado era um instrumento utilizado para sobrevivência e não um enfeite na indumentária como nas épocas posteriores a esta.

Assim como menciona Silva (2006, *site*),



O bordado pode muito bem ter tido origem já na Pré-História, se considerarmos a atitude do homem do mesolítico em unir as peles para se aquecer com fios de alguma resistência; muitas vezes baseados no aproveitamento de fibras animais e vegetais onde lhe foi permitido criar alguns pontos de adorno que ainda hoje são utilizados, como a costura de fio duplo, a espiralada e o ponto adiante.

A justificativa para a realização deste trabalho ancora-se na valorização dos processos artesanais considerados, pelo Departamento de Artes da FURB, fundamentais para a formação acadêmica do profissional de Moda e Artes Visuais e formação continuada de artesãos.

A metodologia do trabalho dividiu-se em três momentos distintos: revisão de literatura, coleta de informações através de entrevista qualitativa e registro fotográfico e organização dos dados coletados.

O bordado alemão é um artesanato e tradicional e o artesanato é uma das mais ricas formas de expressão da cultura e do poder criativo de um povo. Na maioria das vezes, é a representação da história de sua comunidade e a reafirmação da sua autoestima. (BRASIL, 2012)

O artesanato tem sua origem no princípio da história da humanidade. Foi a necessidade de se produzir bens de utilidades e uso rotineiro, e até mesmo ornamentos, que permitiu o desenvolvimento da capacidade criativa e produtiva como forma de trabalho e construção do objeto artesanal.

Desde que o homem criou o seu primeiro instrumento de pedra lascada, a produção artesanal foi a única forma de fazer e construir tudo de que precisava. Ferramentas e habilidades foram se aperfeiçoando, e os artesãos, em seus diferentes ofícios, tornaram-se responsáveis pela 'fabricação' de todos os objetos, o que lhes conferiu certo poder e representatividade política e social. (KUBRUSLY; IMBRÓISI 2011, s/p)

Borges (2011) apresenta a definição de artesanato adotada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1997:

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social.

De acordo com (SILVA, 2006):

As principais características do artesanato são utilidade, funcionalidade e seriação em pequena escala. O que diferencia o artesanato produzido em determinado território, conferindo-lhe exclusividade, é, basicamente, a forma de conceber e produzir artefatos, de acordo com a interpretação da cultura e da trama da história local, favorecida pela utilização de matéria-prima disponível no território.



A partir da Revolução Industrial, o papel do artesanato começou a se modificar, aproximando-se daquele que possui nos dias atuais: passando de único meio de fabricação para uma forma alternativa de produção. A Revolução Industrial foi um movimento iniciado na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, caracterizado pela substituição da produção manual pela mecanizada. Pelo impacto econômico, social e cultural, é considerada a maior mudança na História da humanidade desde a passagem do estado nômade do homem pré-histórico para a vida sedentária, em que o caçador se tornou agricultor.

O artesanato não quer durar milênios nem está possuído da pressa de morrer prontamente. Transcorre com os dias, flui conosco, se gasta pouco a pouco, não busca a morte ou tampouco a nega: apenas aceito este destino. Entre o tempo sem tempo de um museu e o tempo acelerado da tecnologia, o artesanato tem o ritmo do tempo humano. É um objeto útil que também é belo; um objeto que dura, mas que um dia, porém se acaba e resigna-se a isto; um objeto que não é único como uma obra de arte e que pode ser substituído por outro objeto parecido, mas não idêntico. O artesanato nos ensina a morrer e, fazendo isto, nos ensina a viver. (PAZ, 2013, *site* apud SILVA, 2013, p. 15)

Existem duas conceituações básicas sobre as categorias de artesanatos, que são, o artesanato rural e o artesanato urbano. Como define Categorias, Tipologias e Organização do Artesanato (2006, p. 5):

O primeiro, na maioria das vezes se encaixa na definição de que o artesanato é fruto da transformação de matéria-prima e técnicas locais. [...] Geralmente, quando estamos nos referindo ao artesanato urbano, estaremos falando do artesanato que provém de matéria-prima processada (vidro, metais, tecidos), ou matéria-prima reciclável (couro, madeira, papel).

O bordado é considerado uma das atividades artesanais que mais apresenta formas e aspectos variados. No universo dos bordados há três tipos de técnicas utilizadas: o bordado clássico, o bordado sobre o risco e o bordado livre. O bordado clássico, também conhecido como bordado baseado na textura é a técnica que se baseia pela teia e pela trama do tecido como: o ponto cruz, ponto de tapeçaria, ponto espinha, ponto cheio e crivo. A técnica é realizada de acordo com os projetos numerados em que as diversas cores são designadas por sinais, sendo utilizado o papel quadriculado e o milimetrado.

O bordado sobre o risco segue o desenho do tecido impresso no material, em quadrados ou riscas. O bordado livre segue os riscos previamente desenhados. O projeto da base deve conter todos os detalhes do bordado.

O bordado é a prática artesanal mais difundida no país, exercida em 75,4% dos municípios brasileiros, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. (BORGES, 2011, p. 66).



No Brasil, o artesanato dos bordados deriva das artes domésticas da mulher brasileira, desde os tempos coloniais. Dele resultam os mais diversos artigos na linha do vestuário (feminino e infantil) e das utilidades e ornatos da casa. É um dos mais expressivos em toda a região Nordeste, onde ocupa um enorme contingente de mão de obra feminina.

Os babilônicos são considerados os primeiros povos a se dedicarem à arte do bordado. Conforme relata Nery (2003), nunca se verá, exceto na era dos reis bizantinos, tamanho exagero de ornamentação na indumentária de muitas cores, cheia de franjas e rígida de tantos bordados de ouro.

Os homens das classes mais altas usavam o mesmo traje de mangas curtas, só que mais longo, chegando até os pés. Quase todos usavam cintos enfeitados com borlas, e, de acordo com a dignidade de cada pessoa, os trajes também eram ornamentados e bordados, de forma mais ou menos elaborada. (KÖHLER; SICHART 2001, s/p)

O bordado tornou-se popular nas vestes dos gregos e logo depois nas dos romanos, sendo comparados com pinturas.

A partir da Idade Média, o bordado ficou evidente nas roupas do clero, ao mesmo tempo, nas Cruzadas, suas técnicas foram desenvolvidas com influência dos povos orientais. Nesta época, com a tendência das roupas mais adornadas, os bordados tiveram sua maior aplicação. Produzidos a mão, eram feitos com auxílio de bastidores e com fios de ouro, prata, seda ou lã.

No Brasil, por influência da colonização europeia, parte significativa dos bordados e dos trabalhos têxteis, foram inseridos pelos portugueses e tinham como finalidade sobrepor à cultura local, aumentando assim o poder de predomínio da cultura europeia sobre as diversas culturas nativas.

A colonização europeia trouxe com ela a técnica do bordado, dessa forma, a mulher pertencia à tarefa, em seu tempo livre, de fazer os bordados e aplicá-los nas roupas de toda família, e também nos enxovais. Os principais desenhos utilizados eram os florais, confeccionados com variados tipos de pontos: ponto haste, ponto cheio, ponto caseado, nó francês e ponto português.

O bordado típico alemão em Blumenau teve seu auge nos anos 1970 e 1980, por meio do desenvolvimento e investimento nesta área pelo artista Wilfried Meyer, proprietário da Casa Meyer.

O bordado Meyer, assim chamado, ganhou evidência regional, nacional e internacional, deixando uma marca e um referencial ao artesanato de Blumenau (REZENDE, 2012). Um dos aspectos principais da Casa Meyer foi a formação de bordadeiras que até o momento disseminam informações essenciais para manutenção da cultura do bordado em Blumenau.

Para não perder a essência do bordado alemão, as mulheres que eram contratadas para confeccionar os bordados, que por sua vez eram vendidos na loja, aprendiam a técnica do bordado



alemão assim que começavam a trabalhar. Esse aprendizado era repassado pela pessoa responsável por coordenar o grupo de colaboradores da loja, e que era a pessoa mais experiente no assunto, com condições de transmitir informações técnicas e inspecionar a qualidade dos bordados elaborados, dos riscos desenvolvidos e dos acabamentos dos produtos em geral. Com isso, a Casa Meyer possuía um trabalho qualificado e ao mesmo tempo repassava a tradição para as novas gerações.

O bordado não acaba em si mesmo, no processo final de sua fabricação. Está ligado a ele uma imensidão de elementos que vai desde a construção de uma cultura local ao resgate histórico do modo de vida no comportamento feminino. Vai desde uma rede de narrativas distintas e tão singulares entre si; a uma atividade lucrativa e geradora de renda individual e que, acaba sendo refletidos na economia local. (ARAÚJO, 2011, p. 3)

Após revisão de literatura seguiu-se com a coleta de dados através de entrevista individual que conforme Bauer e Gaskell (2002, p. 65) “[...] a entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os autores sociais e sua situação”.

Os dados coletados se compunham de cópias de documentos pessoais, e de receitas e informações passadas para a estagiária através de entrevista. “A entrevista individual ou de profundidade é uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia.” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 82).

Para Bakhtin (2012, p. 42): “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...]”.

As descrições orais trazem muitas as informações. As bordadeiras contam que logo que aprenderam a bordar, passaram também a fazer o cálculo da metragem de fios para cada desenho a ser bordado, o custo e o tempo de produção de cada trabalho: “quanta linha vai para um bordado e quanto tempo demora pra bordar, então a gente define o preço que será vendido, e se for vender o pano só com o risco a bordadeira separa a quantidade exata de linhas para cada risco (desenho).”

Os bordados alemães produzidos por bordadeiras tradicionais são permeados de tradição e cores, flores e linhas que se entrelaçam pelo tecido. Estas contam que passam seus ensinamentos para as filhas, vizinhas e amigas. E assim se propaga a tradição do bordado alemão. Durante as entrevistas, elas explicaram que também bordam peças de vestuário

Durante as entrevistas foi possível visualizar muitas peças decoradas com bordados produzidos durante décadas de atividade das artesãs.

No que diz respeito à conservação e manutenção das peças, elas explicam que para manter esses bordados com a mesma qualidade, ainda que com tantos anos de uso : “deve-se lavar a mão



com detergente neutro, passar pelo avesso umedecendo um pouco e engomar com goma de araruta. Outra dica é guardar as peças no freezer dentro de sacos plásticos, cada uma em um saco, quando quiser utilizar é só tirar do freezer uma hora antes e depois passar e engomar. A goma é feita em casa com polvilho de araruta”.

Os temas que dão vida aos panos de tecidos de algodão são sempre os florais permeados de arabescos. E os motivos mais procurados são: Margaridas, Amor-perfeito e Papoulas.

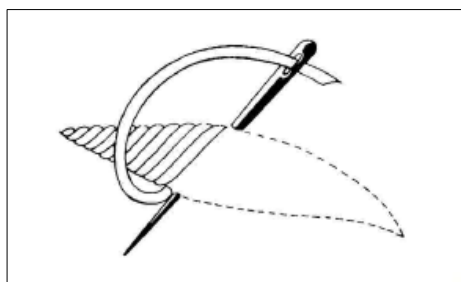
O amor-perfeito é muito popular nos riscos de bordados alemães, pois são flores coloridas e populares pelos jardins alemães da região.

Margaridas azuis é um tema dos mais tradicionais desenhos, executado também em tons de cinza degradê até o branco é um dos mais frequentes.

A papoula outro tema frequente, é uma planta de grande efeito ornamental e muito popular, suas flores grandes e em forma de cálice, despontam nas extremidades dos ramos, sustentadas por um longo caule. As papoulas bordadas recebem toda variação de cor possível.

Os tipos de pontos de bordados mais recorrentes no bordado alemão são: o nó francês (Figuras 02 e 06), ponto atrás (Figura 07), ponto cheio (Figura 01 e 02 ), e o crivo (Figura 07),. O ponto cheio é o ponto básico e é feito em blocos compostos de um número ímpar. Este ponto pode ser trabalhado da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. O número de fios sobre os quais os pontos são trabalhados depende do efeito desejado. É necessário que a beirada fique perfeita. Os pontos não podem ser feitos alongados, para que não sejam puxados para fora do lugar.

Figura 01 Ponto cheio



Fonte: 100 pontos de bordado, Coats, (2013, *site*).



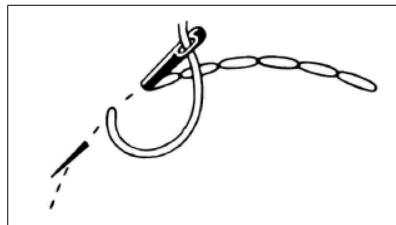
Figura 02 – Papoula em ponto cheio e ponto nó francês.



Fonte: Autoras (2016).

O ponto atrás (Figura 04) é muito utilizado para contornos de desenhos, assim realçando o risco do bordado. É muito importante que todos os pontos sejam do mesmo comprimento. Para fazer o ponto atrás é necessário puxar a agulha na linha do risco do bordado e então faça um ponto para trás pelo meio do tecido. Puxe a agulha novamente um pouco à frente do primeiro ponto, faça outro ponto para trás. Introduzindo a agulha no mesmo lugar onde saiu o último ponto.

Figura 04 - Ponto atrás.



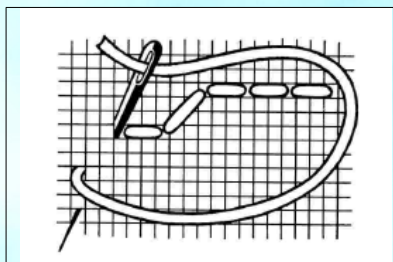
Fonte: 100 pontos de bordado, Coats, (2013, *site*).

Outra variação do ponto atrás é puxar a agulha no lado direito (Figura 05). Fazer um ponto para trás sobre três fios de tecido, puxando a agulha três fios à frente do lugar de onde saiu antes. Seguir desta maneira, trabalhando da direita para esquerda na direção desejada.





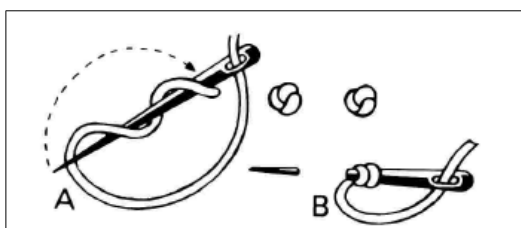
Figura 05 - Ponto atrás em tecido tipo tela.



Fonte: 100 pontos de bordado, Coats, (2013, *site*).

Para fazer o nó francês (Figura 06) deve puxar a agulha no lugar onde será feito o ponto, mantendo a linha presa com o polegar esquerdo e enrole a linha duas vezes na agulha, ainda mantendo a linha presa firmemente, gire a agulha para trás ao ponto de partida e introduza-a bem junto ao lugar de onde saiu a linha. Passando a agulha para o avesso do tecido e arremate no caso de um nozinho só, ou deve passar para o lugar que deseja continuar o ponto seguinte.

Figura 06 - Ponto Nó francês



Fonte: 100 pontos de bordado, Coats, (2013, *site*).

O ponto crivo (Figura 07) é muito empregado no interior dos motivos. O crivo simples que resulta do ponto de passagem na rede tecida com a técnica dos fios tirados ou ainda o bordado a cheio. (SILVA, 2006). Os desenhos são analisados através de uma fotocópia e depois é realizada a contagem dos fios. O tecido é primeiro caseado, e os fios são cortados e extraídos de acordo com a espessura do tecido, em seguida os fios do tecido são bordados com o ponto de passagem.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Figura 07 – Ponto crivo



Fonte: [http://www.aprendivovo.com/2013\\_12\\_01\\_archive.html](http://www.aprendivovo.com/2013_12_01_archive.html)

E nas falas as informações se tecem: “Para um bom trabalho não pode errar o fio do tecido, precisa seguir o fio e também não pode aparecer o preto do risco, se não tem que começar novamente”. Para um bom trabalho e que tenha a qualidade de um bordado alemão tradicional essas são as dicas essenciais.

Outra informação essencial é a importância de se utilizar sempre as mesmas cores de fios para bordar os riscos (desenhos) existentes. Desta maneira dá sequência a tradição de forma correta sem perder sua essência. Para isto, faz-se uso de panos de amostras (Figuras 11) que possuem o risco e as amostras das cores de linhas utilizadas.

Figura 11 - Pano de amostra bordado por Edla Wamser



Fonte: Autoras (2016).

Todo bordado alemão inicia por um processo bastante rudimentar, repetido desde o início da colonização alemão na região de Blumenau: a transferência do traço (risco) do papel para o tecido.

Os materiais necessários para confecção deste risco são: papel vegetal de gramatura maior (para não rasgar com facilidade), agulha, tecido, graxa de sapato e aguarrás mineral.



A sequência metodológica para o risco consiste em: a) desenhar o motivo desejado no papel vegetal; b) perfurar o contorno do desenho com uma agulha (de costurar a mão) grossa.

A sequência do processo consiste em: c) transferir a tinta (pasta preparada com graxa e aguarrás) artesanal para o tecido. Observa-se que é preciso fixar o papel manteiga sobre o tecido (com alfinetes); d) com o uso de uma esponja, aplica-se a tinta sobre o papel, que por sua vez está perfurado, deste modo, a tinta atravessa para o tecido; e) deixa-se então, o tecido pronto para bordar

Com a coleta de dados e construção do portfólio de informações foi possível constatar que a forma escolhida para a coleta de dados comprova que: “Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma ‘descrição detalhada’ de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras.” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 65)

Entrevistar bordadeiras, de forma individual, foi escolha proposital após considerar que “[...] com um entrevistado apenas, pode-se conseguir detalhes muito mais ricos a respeito de experiências pessoais, decisões e sequência das ações, com perguntas indagadoras dirigidas a motivações, em um contexto de informação detalhada sobre circunstâncias particulares da pessoa. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 78).

A pesquisa seguiu o que Bauer e Gaskell (2002), propõe em termos de tempo e condução dos questionamentos. No entanto os autores dizem que: “A entrevista individual ou de profundidade é uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia.” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 82). Tal proposta de tempo não foi seguida a risca. Assim as entrevistas transcorreram sem gravação de áudio (para não constranger as entrevistadas), e sem tempo para término. O que permitiu resultados surpreendentes, em muitos momentos as conversas foram interdidas para que se buscasse mais um bordado guardado, mais um documento, mais uma informação. Até que se deu por completa a coleta a que se pretendia para este trabalho.

No Brasil a colonização efetivada por diversas raças e culturas, e ainda, a vida ligada ao campo e a natureza, possibilitaram a manutenção de conhecimentos acerca do artesanato que se configurava com novas características, mesmo que trazidos de outros lugares.

A atividade do bordado desenvolvida em Blumenau e Vale do Itajaí, se manteve e se mantém, passando de geração para geração conhecimentos que fazem parte do patrimônio material e imaterial brasileiro. Todo traço é importante, toda cor faz sentido. A direção do fio não é qualquer direção. A pintura de agulha não é só um passear com linha e agulha sobre um tecido. Há muito o que coletar, redesenhar e guardar em forma de arquivos. Há uma história, feminina em sua



totalidade, de cores, formas e texturas, construída e mantida em lares Blumenauenses, guardada em caixas e baiaios. Informações de valor incalculável para futuras gerações, aguardando para serem registradas.

Ao finalizar este trabalho (sem fim), conclui-se que o desenvolvimento de produto utilizando técnica artesanal, neste caso o bordado, é uma forma eficaz de fortalecer a cultura da Região do Vale do Itajaí, e é realizado há muito tempo.

## REFERÊNCIAS

100 PONTOS DE BORDADO, COATS, 2013. Disponível em: <[http://www.coatscrafts.com.br/NR/rdonlyres/BFD5B616-D15B-48C6-8FDE-D471B6FE37C8/106590/manual\\_bordado.pdf](http://www.coatscrafts.com.br/NR/rdonlyres/BFD5B616-D15B-48C6-8FDE-D471B6FE37C8/106590/manual_bordado.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

ARAÚJO, A. P. M. Bordando tecidos e memórias: uma etnografia das bordadeiras do município de Caicó-RN. Departamento de Antropologia – UFRN, 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT23/ANAIS%20SH.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 11ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

BORGES, A. **Design + artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BRASIL. República Federativa do Brasil. Programa do Artesanato Brasileiro - PAB. **Base conceitual do artesanato brasileiro**. Brasília, 2012.

CATEGORIAS, TIPOLOGIAS E ORGANIZAÇÃO DO ARTESANATO. PUC, Rio, Certificação Digital 0410900/CA, 2006. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9596/9596\\_4.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9596/9596_4.PDF)>

KOHLER, K.; SICHART, E. Von. **História do vestuário**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 564p.

NERY, M. L. **A evolução de indumentária**: subsídios para criação de figurino. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2003. 303p.

REZENDE, M. L.F. **Artesanato de Blumenau**: resgate histórico cultural. Blumenau: Nova Letra, 2012. 44p.

SILVA, Paulo Fernando Teles de Lemos. **Bordados tradicionais portugueses**. Braga, 2006. 133 f. Tese de Doutorado (Mestrado em Design e Marketing) – Departamento de Engenharia Têxtil, Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6723>>. Acesso em: 22 jun. 2016.